

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Bulle Ogier, Atriz Oceânica
16 de Julho de 2025

RUPTURE / 1989

um filme de Raymonde Carasco

Realização, Argumento e Diálogos: Raymonde Carasco / Fotografia: Sophie Maintigneux / Som: Philippe Lecoeur / Montagem: Aurélie Ricard / Guarda-Roupa: Claire Hoarau / Maquilhagem: Nathalie de Angelis / Música original: Alain Jomy / Piano: Alain Jomy, Violoncelo: René Benedetti / Interpretação: Bulle Ogier (Joa, antropóloga, irmã de Anna), Mireille Perrier (Anna), Isabelle Linnartz (Juliette, atriz, amiga de Anna), Pascal Gregory (Philippe, amante de Anna), Hammou Graia (libertino), Florence Desalme (Justine), Bertrand Bonvoisin (Director do teatro dos Lucioles), Oesterman, Caroline Chaniolleau. Pénélope Schelemberg (Joa em criança), Margot Copaux (Anne em criança).

Produção: LA SEPT / A.C.S. Guy Cavagnac (França) / Cópia: em 35mm, cor, legendagem eletrónica em português / Duração: 85 minutos / Primeira apresentação pública: 1 de novembro de 1989, Festival de Cinema de Amiens / Primeira apresentação na Cinemateca.

Raymonde Carrasco (1939-2009) é hoje sobretudo conhecida pelo conjunto de filmes que dedicou aos índios Tarahumaras, no México, sobre os quais escreveu Antonin Artaud, cujas palavras têm presença nesses mesmos filmes. Trabalhos de cariz mais etnográfico que fazem parte de uma obra relativamente curta e desconhecida da maioria, uma experiência que compartilhou com o seu companheiro Régis Hébraud. Mas, como afirmava Carasco em 2005, quando esteve na Culturgest a convite de Ricardo Matos Cabo para a apresentação de parte desses filmes num ciclo intitulado “Figuras da Dança”: ‘Não sou etnóloga, mas filósofa. Germaine Dieterlen, a grande etnóloga dos Dogons, disse-me, ao ver os meus filmes na Cinemateca Francesa: “Tem tudo para ser etnóloga: a experiência do terreno, venha connosco.’ Fiquei no limiar, não quis dar o salto etnográfico. Amo o povo Tarahumara. Pertenço-lhe. É um afecto muito importante na minha vida, escapa ao meu controlo.” E é neste e noutros sentidos que tais filmes de Carasco têm sido habitualmente descritos como obras de fronteira entre a poesia e a etnografia.

De entre as suas escassas ficções, **Rupture** será a mais conhecida, para o que não será alheia a forte presença de Bulle Ogier como protagonista. A ligação desta longa-metragem à obra mais etnográfica da cineasta é curiosa, tanto mais que Ogier interpreta o papel de uma antropóloga que deixa o México e parte para Paris, onde se desenrola o filme, em busca da irmã mais nova. Ogier é Joa, e Mireille Perrier, Anna, a irmã, atriz de teatro que terá tido um esgotamento nervoso durante um ensaio, e desapareceu do mapa sem deixar rasto. Inquérito quase policial conduzido por uma antropóloga que se metamorfoseia em escritora – a mão que vemos desde o início a escrever a história –, o filme conduz-nos simultaneamente aos confins de uma busca da identidade, em que se mistura a poesia e uma estética da crueldade que atravessa o Marquês de Sade e Artaud.

A peça que se ensaiava era *Justine*, baseada na novela homónima do Marquês de Sade, desempenhando Perrier o papel da própria Justine. A busca levada a cabo por Ogier junto

dos colegas, o companheiro e amigos mais próximos da sua irmã transforma-se assim numa busca iniciática que a leva a reflectir sobre a sua própria vida. Assistindo a uma representação da peça, toma consciência do modo como nela o teatro se pode misturar com a vida, e como a sua representação poderá ter afectado Anna. Mas, como escreveu Raphaël Bassan no *Libération* em 1990 aludindo ao jogo entre a acção representada no palco e o seu espelho no cinema: “Esta ponte bidirecional entre o imaginário e o corpo é fomentada por uma concepção física e ‘cruel’ do teatro, próxima das teorias de Artaud ou Grotowski. As marcas das cordas nos pulsos são reais, e a prosa sadiana, proferida pelo ‘Libertino’ que tortura Justine, não pode ser perdida impunemente nos bastidores. Um ator que interpreta um papel deste tipo deixa marcas. A Anna era uma profissional. A crueldade da peça não teria sido suficiente para a destabilizar. A fenda vem de muito mais longe: a humilhada Justine serviu apenas de catalisador.”

Enquanto Joa tenta perceber o que está na origem da “ruptura” da irmã com a sua vida anterior e os seus próximos, enfrenta o seu próprio processo de reflexão e transformação pessoal, que acompanha o momento em que escreve uma história que dá origem ao filme, assistindo-se assim a um paralelismo entre o que é escrito e encenado à medida que o filme avança. As ligações a Jacques Rivette ou a Marguerite Duras são assim óbvias. Foi Duras que aconselhou Ogier a Carasco, que por sua vez terá afirmado que pensou mesmo o papel para ela depois da morte prematura da sua filha Pascale (Pascale Ogier e Bulle Ogier são as duas extraordinárias protagonistas de **Le Pont du Nord**, realizado por Jacques Rivette em 1981). Como confirmou Carasco, depois de Ogier ter visto a sua primeira longa-metragem – **Julien - Portrait d’un Voyant** (também de 1981): “Bulle adorou a musicalidade do filme e fez-me compreender que, se um dia precisasse de uma actriz, ela estaria lá. A personagem Joa foi especialmente criada para ela. Fui a primeira a oferecer-lhe um papel após a morte da sua filha Pascale. O meu instinto guiou-me então até Mireille Perrier para interpretar Anna. Devido a uma afinidade na profundidade do olhar delas. E, talvez também, porque Mireille tem mais ou menos a mesma idade de Pascale...”.

Filme de muitas complicitades, aqui a busca do outro verifica-se como uma busca de si próprio, ou de “si próprio como um outro”, tema que traduz as afinidades filosóficas da cineasta. A “crueldade” e o “excesso” que rodeiam uma protagonista inicialmente ausente fazem parte das referências culturais de um dado momento no tempo, que se mesclam com o universo pessoal de Carasco. Eisenstein, Artaud, Deleuze,... Em 1976 Raymonde Carasco e Régis Hébraud partiram para o México movidos por **Que Viva México!**, filme inacabado de Eisenstein, e pelas palavras de Artaud, acontecimento que mudou a sua vida. Muitos anos depois de ver os filmes que resultaram das suas viagens ao México, ficaram-nos na memória não as imagens, mas os sons repetitivos que nos reenviam para o tempo de um encantamento e de uma alucinação baseada em ritmos circulares, que de alguma forma encontramos num filme assombrado pelas imagens de duas meninas, que voltam sem cessar. Uma “estética da sensação” colocada em cena num filme raro e muito pessoal.

Joana Ascensão